



CONTOS DE TERROR E HUMOR DE
EDGAR A. POE

ORGANIZAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma • Ana Laura Lopes Valentim
Jéssica Tainara Oliveira de Moraes • Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini
Sandra Heloísa Nunes Messias

canal6 editora

Conselho Editorial

BIOMÉDICA ESP. AMANDA CRISTINA MOÇO

Especialista em Inovações Diagnósticas e Terapêuticas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Botucatu

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACS

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Chernaya K. Close-up shot of a person holding a red rose [Internet]. 2021 Mar 16 [acesso 24 mar 2026]. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/close-up-shot-of-a-person-holding-a-red-rose-8986677/>. Figura registrada como: *Free for use. Royalty-free image.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P723c Poe, Edgar Allan, 1809-1849
1.ed. Contos de terror e humor de Edgar A. Poe [livro eletrônico] / Edgar Allan Poe; organizadores Renato Massaharu Hassunuma...[et al.]. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2026.
PDF

Outros organizadores: Ana Laura Lopes Valentim, Jéssica Tainara Oliveira de Moraes, Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini, Sandra Heloísa Nunes Messias.
ISBN 978-85-7917-719-4

1. Contos norte-americanos. I. Hassunuma, Renato Massaharu. II. Valentim, Ana Laura Lopes. III. Moraes, Jéssica Tainara Oliveira de. IV. Garcia-Bonichini, Patrícia Carvalho. V. Messias, Sandra Heloísa Nunes.

08-2026/86

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

CONTOS DE TERROR E HUMOR DE
EDGAR A. POE

ORGANIZAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma
*Professor Titular do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Ana Laura Lopes Valentim
*Aluna do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Jéssica Tainara Oliveira de Moraes
*Aluna do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini
*Coordenadora Auxiliar do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista – UNIP
Câmpus Bauru*

Sandra Heloísa Nunes Messias
*Coordenadora Geral do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista – UNIP*

1ª Edição / 2026
Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a ***Biomédica Esp. Amanda Cristina Moço e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva***, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradecemos o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

Ana Laura Lopes Valentim

Jéssica Tainara Oliveira de Moraes

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Sandra Heloísa Nunes Messias

APRESENTAÇÃO

Contos de Terror e Humor de Edgar Allan Poe é uma amostra da versatilidade de obras do Mestre do Terror. Neste livro, o leitor pode se deliciar com contos de terror como **Morella (1835)** e contos de humor como **Rei Peste (1835)**, **Os óculos (1844)** e **Algumas palavras com uma múmia (1845)**.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 – Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no [link: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763).

Esta obra teve o apoio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, sendo parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado **“A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos”**, de autoria do Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

Ana Laura Lopes Valentim

Jéssica Tainara Oliveira de Moraes

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Sandra Heloísa Nunes Messias

SUMÁRIO

Morella (1835)	7
Rei Peste (1835)	13
Os óculos (1844)	25
Algumas palavras com uma múmia (1845)	44



MORELLA

MORELLA

Há muito tempo atrás, comecei a ver minha amiga Morella com outros olhos. Posso dizer que me apaixonei logo no nosso primeiro encontro. Foi um amor como nunca acontecera antes. Nos encontramos por intermédio do destino, o mesmo que nos uniu no altar. Até então, eu nunca havia falado de paixão ou pensado em amor. Ela, no entanto, se apegava apenas a mim, o que me deixava muito feliz. Era uma felicidade imensa poder sonhar acordado.

Morella era uma mulher de muitos conhecimentos. Tinha talentos incomuns. Em muitos aspectos, me tornei seu aluno. Logo, porém, descobri que, talvez por sua educação em Presburg, ela me apresentou vários livros místicos que geralmente são considerados lixos da literatura alemã antiga.

Mas minha razão teve pouco a ver com os fatos que descrevo aqui. Entreguei-me de coração às complexas orientações de minha esposa em seus estudos. E então, ao folhear páginas proibidas, senti um espírito proibido se acender dentro de mim. Morella colocava sua mão fria sobre a minha e me explicava uma filosofia morta com algumas palavras baixas e singulares. Tudo gravado em minha memória.

Hora após hora, eu permanecia ao lado dela, encantado pela música de sua voz. Até que um dia sua melodia foi manchada de terror. Uma sombra caiu sobre minha alma. Eu fiquei pálido, tremendo por dentro ao ouvir aqueles sons sobrenaturais. Assim, de repente, a alegria se transformou em horror. O mais belo se tornou o mais horrível.

A sanidade do nosso ser racional permite que reconheçamos nossa própria identidade. Entendemos que nossa essência inteligente permite que tenhamos razão. É como uma consciência que acompanha sempre os nossos pensamentos. É tudo isso que faz com que sejamos nós mesmos; nos distinguindo de outros seres pensantes e nos dando nossa identidade pessoal. Mas, não sabemos se, na morte, perdemos ou não a noção de identidade para sempre. Este é um assunto que me interessava muito, especialmente pela maneira como Morella o abordava.

Por um momento percebi que o jeito que minha esposa me oprimia era como um feitiço. Eu não suportava mais o toque de seus dedos finos, nem o tom baixo de sua voz, nem o brilho de seus olhos melancólicos. Ela sabia de tudo isso, mas não me repreendeu.

Ela parecia consciente da minha fraqueza ou da minha tolice. Sorrindo, dizia que tudo aquilo era o seu destino. Ela também parecia consciente da causa que me levou a me afastar de seu amor. Uma causa que eu mesmo não conhecia. Mas ela não me deu nenhuma pista ou sinal.

Com o tempo, uma mancha vermelha apareceu em sua bochecha. As veias azuis na testa pálida se tornaram proeminentes. Em um instante minha natureza se derreteu em piedade. Mas logo encontrei seus olhos cheios de significado. Então minha alma ficou agitada como alguém que olha para um abismo fundo e sombrio. Devo então dizer que ansiei pela morte de Morella? Sim, mas seu espírito frágil se agarrou ao seu corpo por muitos dias, semanas e meses. Até que meus nervos torturados dominaram minha mente. Fiquei furioso e, com o coração de um demônio, amaldiçoei os dias, as horas e os momentos amargos, que pareciam durar cada vez mais à medida que sua vida curta declinava. Era como sombras que apareciam ao fim do dia.

Mas foi em uma noite de outono, quando não havia vento no céu, que Morella me chamou. Havia uma névoa fraca, um brilho quente sobre as águas, folhas caídas na floresta e um arco-íris cruzando o céu. Enquanto eu me aproximava, ela disse:

– Hoje é um dia para viver ou morrer. É um dia para os filhos da terra e da vida. É o dia mais belo para as filhas do céu e da morte!

Beije sua testa, e ela continuou:

– Estou morrendo, mas ainda assim viverei.

– Morella!

– Nunca houve sequer um dia em que tenha me amado, senão naquele em que abominou a vida. Mas na morte irá me adorar. Estou morrendo, mas dentro de mim sempre irá existir a promessa daquele afeto! Quando meu espírito partir, a criança viverá. Todos os dias serão dias de tristeza... uma tristeza que será a mais duradoura de todas. Pois a felicidade e a alegria não se reúnem duas vezes na vida.

– Mas como poderia saber disso? Morella! Morella!

Enquanto eu gritava seu nome, ela virou o rosto para o travesseiro e um leve tremor percorreu seus membros.

E foi assim que ela morreu. E então eu não ouvi mais a sua voz. No entanto, como ela havia previsto, ela deu à luz a uma bebê ao morrer. A filha só respirou quando a mãe parou de respirar.

A filha então viveu e cresceu estranhamente em estatura e intelecto. Era perfeitamente semelhante à sua mãe. Eu a amava com um amor mais fervoroso do que eu acreditava ser possível. Mas, logo o céu desse afeto escureceu e na escuridão, o horror e a dor chegaram em nuvens.

Eu disse que a criança cresceu estranhamente em estatura e inteligência. Era muito estranho como ela crescia rápido. E mais impressionante ainda era o desenvolvimento intelectual dela. Parecia que havia uma mulher adulta dentro do corpo de uma criança. Meus sentidos ficavam horrorizados, e as suspeitas invadiam meu espírito. Meus pensamentos estavam cheios daquelas histórias e teorias loucas que foram enterradas com Morella.

Na reclusão do meu lar, observava com uma ansiedade agonizante a criança. À medida que os anos passavam, eu olhava dia após dia seu rosto santo, suave e eloquente. Eu via minha filha amadurecer, dia após dia, descobrindo novas semelhanças entre ela e sua mãe.

Cada vez mais, as sombras de semelhança se tornavam mais escuras, mais desconcertantes e mais horrivelmente terríveis em seu aspecto. Seu sorriso era idêntico ao da sua mãe. Eu não podia mais suportar. Seus olhos eram como os de Morella. Eles olhavam para as profundezas da minha alma da mesma forma que Morella me olhava. Eu sentia uma estranheza em seu olhar.

Era estranho observar o contorno da sua testa alta, os caracóis de seus cabelos sedosos, os dedos finos que se enterravam neles, e os tons musicais tristes de sua fala, e acima de tudo as frases e expressões da morta nos lábios daquela que estava viva. Até aquele momento, minha filha permaneceu sem nome.

Eu a chamava de minha filha ou meu amor. O nome de Morella morreu com a mãe ao falecer. Eu nunca tinha falado com minha filha sobre sua mãe. Eu simplesmente não conseguia falar.

Então, na cerimônia de seu batismo, hesitei em encontrar um nome. Algo me levou a perturbar a memória da morta enterrada. Um demônio me levou a respirar esse som. Então, no silêncio da noite, sussurrei ao ouvido do homem santo o nome Morella. O demônio então cobriu minha filha com tons de morte, pois, ao ouvir aquele som quase inaudível, ela desviou seus olhos e me respondeu:

– Estou aqui!

Aquelas palavras caíram no meu ouvido como chumbo derretido e rolaram por todo meu cérebro. Anos podem passar, mas nunca esquecerei aquele momento. As estrelas do meu destino desapareceram do céu. A terra escureceu. Os ventos do céu respiravam apenas um som em meus ouvidos. As ondas do mar murmuravam uma vez mais o nome Morella. Eu via apenas sombras voando. E entre todas eu via novamente Morella.

Minha filha morreu. Carreguei seu corpo com minhas próprias mãos. Ao ver o túmulo, dei uma risada longa e amarga, pois não encontrei vestígios de sua mãe. Não havia nada naquele local onde eu deixava, então, a segunda Morella.

FIM



REI PESTE

REI PESTE

Era uma noite abafada de outubro. Por volta da meia-noite, dois marinheiros, pertencentes à tripulação de um barco que estava ancorado o rio Tâmis, estavam sentados no salão de uma taverna na paróquia de St. Andrews, em Londres. A entrada daquele local ostentava uma placa com o retrato de um marinheiro sorridente.

O salão era como os demais da época, ou seja, mal projetado, coberto por fumaça e barulhento. No entanto, condizente com o seu propósito e com os clientes que estavam ali. Dentre estes, os dois marinheiros, creio eu, eram os mais notados.

Aquele que parecia ser o mais velho, era chamado pelo seu companheiro de "Pernas". Ele era também o mais desfavorecido, mas por outro lado, muito mais alto. Ele tinha dois metros e dez centímetros e uma postura curvada habitual de pessoas muito altas. O que sobrava em altura era compensado por deficiências em outros aspectos. Ele era extremamente magro, e, por isso, seus companheiros diziam que havia servido como flâmula no mastro. Mas essas piadas não surtiram qualquer efeito sobre os músculos de chumbo do marinheiro. Ele tinha maçãs do rosto altas, um nariz grande e curvo, queixo retraído, mandíbula inferior caída e enormes olhos brancos salientes. A expressão de seu semblante era solene e séria.

O marinheiro mais jovem era, em sua aparência, o oposto do seu companheiro. Sua estatura não devia ultrapassar um metro e vinte. Tinha pernas arqueadas e curtas que sustentavam um corpo atarracado e desajeitado, enquanto seus braços incomumente curtos e grossos balançavam de um lado para o outro como as barbatanas de uma tartaruga marinha. Seus olhos eram pequenos, de cor indefinida, cintilando no fundo de sua cabeça. Seu nariz permanecia enterrado na massa de carne que envolvia seu rosto redondo. Seu lábio superior grosso repousava sobre o lábio inferior, ainda mais grosso, com um ar complacente acentuado pelo hábito de lambê-los de tempos em tempos. Ele evidentemente olhava para seu alto companheiro de navio com um sentimento ao mesmo tempo maravilhado e intrigado.

As peregrinações da dupla percorreram vários bares da vizinhança durante as primeiras horas da noite. E foi com os bolsos vazios que nossos amigos se aventuraram nesta hospedaria.

No exato momento em que esta história começa, Pernas e seu companheiro Hugh Tarpaulin estavam sentados. Cada um com os cotovelos apoiados na grande mesa de carvalho no meio do salão e com uma mão em cada bochecha. Eles observavam um enorme frasco de cerveja que não tinham como pagar.

Por trás dela, eles liam as palavras "Não fazemos fiado" escritas com giz acima da porta. Beberam então o que restava da garrafa e fugiram para a rua. Por volta da meia-noite, nossos heróis corriam por um beco escuro em direção à Escadaria de Santo André, perseguidos pelos donos da taverna.

Naquela época, a Inglaterra ressoava os gritos de "Peste! Praga! Praga!". Londres estava em grande parte despovoada. Em alguns distritos próximos ao rio Tâmis, em meio às vielas e becos escuros, estreitos e imundos, acreditava-se que o "Demônio da Doença" tivesse nascido e que apenas o temor, o terror e a superstição rondavam o local.

O rei Eduardo III proibiu que qualquer pessoa visitasse tais distritos, sob pena de morte. Contudo, nem o decreto do monarca, nem as enormes barreiras erguidas nas entradas das ruas, nem o medo da morte repugnante impediram que as moradias desocupadas fossem saqueadas. Ladrões noturnos levavam todos objetos de ferro, cobre ou chumbo que pudessem ser de alguma forma aproveitados.

Geralmente as fechaduras, ferrolhos e adegas secretas não ofereciam proteção suficiente contra ladrões aos estoques de vinhos e bebidas alcoólicas. Algumas pessoas, aterrorizadas, acreditavam que esses roubos eram feitos por espíritos, duendes e demônios. As histórias arrepiantes eram contadas por toda a região. Muitas vezes, os próprios saqueadores eram afugentados com pavor do que poderia ocorrer naquelas áreas proibidas, mergulhadas em escuridão, silêncio, pestilência e morte.

Pernas e o valente Hugh Tarpaulin passaram por uma dessas terríveis barreiras, indicando que estavam chegando à região isolada pela Lei de Proteção contra a Peste. Eles perceberam isso depois que desceram às pressas por um beco. Eles não podiam voltar e não havia tempo a perder, pois seus perseguidores estavam logo atrás.

Para marinheiros experientes, escalar uma estrutura de madeira rústica era uma tarefa fácil. Com a correria e sob efeito da bebida, saltaram a barreira sem hesitar. Seguiram embriagados, gritando e berrando. Mas logo se viram perdidos em uma região fétida e escura.

Se não estivessem embriagados, seus passos cambaleantes certamente estariam paralisados pelos horrores da situação. O ar era úmido, frio e enevoadado. As pedras da calçada estavam soltas em meio à grama alta e viçosa, que brotava horrivelmente ao redor dos seus pés. Havia muito entulho das casas vazias obstruindo as ruas. O fedor prevalecia por toda parte. Uma luz fraca e fantasmagórica criava uma atmosfera vaporosa e pestilenta. Era possível ver cadáveres de saqueadores noturnos apodrecendo dentro das casas sem janelas e caídos nas ruas.

Mas aqueles marinheiros eram naturalmente bravos e, naquele momento em particular, mesmo transbordando coragem, teriam cambaleado. Eles então caminhavam, ecoando seus passos. Pernas, junto de seu companheiro, urrava como índios na guerra. Eles haviam agora, evidentemente, alcançado o epicentro da pestilência. A cada passo, o caminho se tornava mais fétido e mais horrível. As ruas ficavam cada vez mais estreitas. Enormes pedras despencavam eventualmente dos telhados em ruínas acima deles. Era necessária muita força para abrir caminho através de frequentes montes de cadáveres humanos em decomposição.

De repente, quando os marinheiros tropeçaram na entrada de um prédio gigantesco e de aparência horrenda, Pernas soltou um grito mais estridente do que o normal. Ele foi respondido por uma rápida sucessão de guinchos selvagens, semelhantes a risos diabólicos. Eles não se deixaram intimidar pelos sons de tal natureza, naquela hora e naquele lugar. A dupla embriagada arrombou a porta de uma casa, cambaleando para o meio da confusão. Eles soltaram vários palavrões. O Pernas e Tarpaulin ficaram estupefatos ao verem a cena.

O salão em que se encontravam era a loja de um agente funerário. Um alçapão aberto num canto do chão, perto da entrada, dava para uma longa fileira de adegas, repletas de garrafas com bebidas. No meio do salão erguia-se uma mesa.

No centro dela, havia um enorme recipiente com o que parecia ser ponche. Havia também garrafas de vários vinhos e licores, juntamente com jarras e frascos grotescos de todas as formas e cores, que estavam espalhados por toda mesa.

Ao seu redor, seis indivíduos estavam sentados, os quais descreverei a seguir.

O primeiro estava sentado em frente à entrada. Estava acomodado um pouco acima dos seus companheiros, sendo o que parecia ser o presidente da mesa. Era magro e alto. Seu rosto era amarelo como o açafrão. Mas não tinha nenhuma característica em seu semblante que chamasse a atenção, exceto sua testa horripilantemente alta. Sua boca estava murcha e tinha covinhas, exibindo uma expressão macabra. Seus olhos, assim como os de todos os outros, pareciam indicar embriaguez. Ele vestia uma capa de veludo de seda preto ricamente bordado, enrolado displicentemente em seu corpo à maneira espanhola. Sua cabeça estava coberta por altas plumas negras, que ele balançava de um lado para o outro com um ar jovial e presunçoso. Em sua mão direita, ele segurava um enorme fêmur humano.

A segunda pessoa estava sentada em frente a ele, de costas para a porta. Ela era uma senhora alta e muito magra. Seu rosto era extremamente redondo, vermelho e cheio. Sua boca peculiar começava na orelha direita e seguia para o lado esquerdo. Seus brincos curtos balançavam constantemente para dentro de sua boca. Por isso, ela mantinha sua boca fechada. Ela parecia digna e vestia uma espécie de manto recém-engomado e passado a ferro, com uma gola franzida de musselina que chegava até o queixo.

A terceira pessoa estava logo à direita. Era uma jovem franzina, que parecia ser protegida pela senhora. Uma criaturinha delicada, com dedos atrofiados e trêmulos, lábios pálidos e uma pequena mancha de acne que tingia sua pele pálida, um sinal evidente de uma tuberculose fulminante. Contudo, tinha uma extrema elegância. Ela usava, de maneira graciosa e despojada, um grande e belo manto de tecido indiano fino. Seus cabelos caíam em cachos sobre o pescoço. Seu sorriso suave brincava com seus lábios. O nariz era muito longo, fino e com pequenas protuberâncias que pendiam para baixo. Ela movia delicadamente sua língua de vez em quando para um lado e para o outro, conferindo um semblante duvidoso.

A quarta pessoa estava de frente para ela e à esquerda da senhora. Era um velhinho um pouco inchado e ofegante. Suas bochechas pendiam como duas enormes bexigas de vinho do Porto. Ele sofria de gota. Mantinha seus braços cruzados e uma perna enfaixada apoiada na mesa. Ele evidentemente se orgulhava muito de cada detalhe de sua aparência pessoal, mas tinha um prazer especial em chamar a atenção para seu casaco de cores berrantes. Este, diga-se de passagem, deve ter custado uma fortuna e foi feito sob medida para ele. Foi confeccionado a partir de uma das capas de seda ricamente bordadas que pertenciam a nobres e tinham brasões que na Inglaterra e em outros lugares são costumeiramente pendurados em algum lugar de destaque nas residências da falecida aristocracia.

A quinta pessoa estava ao lado dele e à direita do presidente. Era um cavalheiro de meias brancas compridas e cuecas de algodão. Seu corpo tremia de maneira ridícula. Seu queixo, recém-barbeado, estava firmemente envolvido por uma faixa de musselina. Seus braços, presos de maneira semelhante nos pulsos, o impediam de beber. Esta era uma precaução que devia ser decorrente do estado de embriaguez. Tinha um par de grandes orelhas que se moviam conforme o som de garrafas estourando nos porões abaixo.

A sexta pessoa estava sentada à sua frente. Era uma figura de aparência singularmente rígida, que parecia sofrer de paralisia. Devia, para dizer o mínimo, sentir-se muito desconfortável em suas vestes pouco práticas. Ele vestia, de forma um tanto peculiar, um novo e belo caixão de mogno. A parte superior ou a peça de cabeça do caixão pressionava o crânio do usuário, estendendo sobre ele como um capuz, o que conferia a todo o rosto uma aparência de interesse indescritível. Havia cavas para os braços onde a madeira havia sido recortada nas laterais, não por elegância, mas por conveniência. Contudo, a vestimenta impedia seu proprietário de se sentar tão ereto quanto seus companheiros. E enquanto ele jazia reclinado contra seu cavalete, em um ângulo de quarenta e cinco graus, um par de enormes olhos arregalados revirava suas terríveis pupilas brancas em direção ao teto, em absoluto espanto com sua própria enormidade.

Diante de cada pessoa do grupo, havia uma parte de um crânio que servia de copo. Acima, um enorme esqueleto humano estava suspenso por uma corda amarrada a uma das pernas e presa por um anel no teto. O outro membro, sem qualquer tipo de amarra, projetava-se do corpo em ângulo reto, fazendo com que toda a estrutura solta e ruidosa balançasse e girasse de maneira peculiar à medida que o vento entrava no salão. No crânio dessa coisa horrenda, havia uma quantidade de carvão em brasa, que lançava uma luz intermitente, porém intensa, sobre toda a cena. Caixões e outros artigos funerários estavam empilhados ao redor do cômodo e cobriam as janelas, impedindo que qualquer raio de luz escapasse para a rua.

Os marinheiros ao observarem essa reunião, decorada de forma ainda mais extraordinária, não se comportaram com o decoro que se poderia esperar. Pernas encostou na parede próxima, ficou de queixo caído e olhos arregalados. Hugh Tarpaulin curvou-se até que seu nariz ficasse na altura da mesa e soltou uma gargalhada longa e alta, totalmente inoportuna e desmedida.

Contudo, sem se ofender com um comportamento tão excessivamente rude, o presidente da mesa sorriu graciosamente para os marinheiros. Acenou para eles com dignidade, exibindo sua cabeça adornada por plumas negras. Levantando, pegou cada um pelo braço e os conduziu a um assento que alguns outros presentes haviam preparado para acomodá-los. Pernas não ofereceu a menor resistência e os dois se sentaram como lhes foi ordenado. O galante Hugh, retirando um caixão de seu lugar próximo à cabeceira da mesa, sentou-se ao lado da pequena senhora tuberculosa envolta em um manto com grande alegria. Ela o serviu um crânio de vinho tinto. Ele bebeu em nome de seus melhores conhecidos. Mas, diante dessa presunção, o rígido cavalheiro no caixão pareceu extremamente irritado e poderiam ter ocorrido sérias consequências, se o presidente, batendo na mesa com seu cassetete, não tivesse desviado a atenção de todos os presentes para um discurso:

– É nosso dever, nesta feliz ocasião...

– Atenção! – interrompeu Pernas, com uma expressão séria – Atenção, eu digo. Quem diabos são vocês? O que fazem aqui, bebendo o que meu honesto companheiro de bordo, Will Wimble, o agente funerário, guardou para o inverno!

Diante dessa imperdoável falta de educação, todos se levantaram e começaram a reclamar. O presidente foi o primeiro a recuperar a compostura e, por fim, voltando-se para Pernas com muita educação, recomeçou seu discurso:

– Teremos o maior prazer em satisfazer qualquer curiosidade por parte de visitantes tão ilustres, mesmo que não tenham sido convidados. Saibam, então, que nestes domínios eu sou o monarca e aqui governo com um império indivisível sob o título de Rei Peste I. Este salão que vocês supõem ser a loja de Will Wimble, o agente funerário que não conhecemos, na verdade é a Câmara do nosso Palácio, destinada aos conselheiros do nosso reino e a outros nobres.

Então o rei começou a apresentar a corte:

– A nobre dama sentada em frente é a Rainha Peste, minha esposa. As demais personalidades ilustres são todas da nossa família e ostentam as insígnias da linhagem real sob os respectivos títulos de Arquiduque Pestífero, Duque Pestilento, Duque Tempestuoso e Arquiduquesa Anapesto. Quanto à sua dúvida sobre o assunto que tratamos aqui, sinto informar que é de interesse apenas aos membros da mesa. Mas, em consideração aos senhores, explico que estamos aqui para avaliar as qualidades e o aroma desses tesouros inestimáveis do paladar: vinhos, cervejas e licores desta nobre Metrópole. Fazemos isso para promover o bem-estar daquele soberano sobrenatural que reina sobre todos nós, cujo nome é Morte.

– Cujo o nome é Davy Jones! – exclamou Tarpaulin, enquanto servia licor em um crânio para a senhora ao lado e para si mesmo.

– Que profanação – disse o Rei Peste I – dissemos que tínhamos consideração por vocês e respondemos suas perguntas rudes e inoportunas. Por conta disso iremos cobrar de você e de seu acompanhante que bebam um galão de Black Strap por pessoa. Quando nos pagarem estarão livres para seguir seu caminho ou permanecer e serem admitidos aos privilégios de nossa mesa.

– É impossível – respondeu Pernas – não há como esconder em meu porão sequer um quarto dessa bebida que majestade acaba de mencionar. Portanto, peço a Vossa Majestade que aceite nossa boa vontade como cumprimento da obrigação, pois de maneira nenhuma posso ou quero engolir mais uma gota, muito menos uma gota daquela água suja e vil que atende pelo nome de Black Strap.

– Pare com isso, Pernas – interrompeu Tarpaulin – chega de conversa fiada! Eu ainda tenho espaço em meu casco para mais um gole.

– Este procedimento – disse o rei – não está de modo algum de acordo com os termos da multa ou sentença.

Então o rei continuou:

– As condições que impusemos devem ser cumpridas à risca, e sem hesitação, caso contrário, decretamos que vocês sejam amarrados pelos pés e pescoço e devidamente afogados como rebeldes naquele barril de cerveja!

– Sentença! Sentença! Sentença! – começaram a gritar os membros da família Peste, todos muito incomodados.

– Argh! – disse Tarpaulin – eu estava dizendo ao Sr. Rei Peste que seria uma ninharia para um barco apertado como o meu carregar mais um pouco de bebida. Mas quando se trata de brindar à saúde do Diabo, não há ninguém no mundo inteiro além de Tim Hurlygurly, o tocador de realejo.

Nem deixaram Tarpaulin terminar de falar. Ao ouvirem o nome de Tim Hurlygurly, todos os presentes saltaram de seus assentos.

– Traição! – diziam aqueles da família Peste.

A rainha agarrou a parte de trás das calças do infeliz Tarpaulin, que acabara de começar a se servir o licor em um crânio. Ela o ergueu no ar e o atirou para dentro de um enorme barril aberto de sua amada cerveja. Tarpaulin ficou boiando por alguns segundos, como uma maçã em uma poncheira. Ele sumia em meio à espuma da bebida efervescente.

Contudo, Pernas não deixou por menos. Empurrou o Rei Peste pela janela aberta e caminhou a passos largos até o centro da sala. Ali, derrubou o enorme esqueleto que balançava sobre a mesa. Tirou Hugh Tarpaulin do barril e de lá jorrou um dilúvio de bebida tão feroz, impetuoso e avassalador, que a sala foi inundada de parede a parede. A mesa foi virada, os cavaletes foram derrubados e as damas entraram em histeria. Jarras, cântaros e garrações se misturavam indiscriminadamente na confusão.

As garrafas cheias e vazias se misturavam. Pilhas de móveis funerários se debatiam. Crânios flutuavam. O Rei se afogou, o pequeno cavalheiro rígido partiu em seu caixão e o vitorioso Pernas saiu correndo para a rua, seguido pelo formidável Hugh Tarpaulin, que havia espirrado três ou quatro vezes. Ele ofegava e bufava atrás de Pernas puxando a Arquiduquesa Anapesto.

FIM



Os ÓCULOS

Os ÓCULOS

Há algum tempo, era moda ridicularizar a ideia de "amor à primeira vista". Mas aqueles que pensam, tanto quanto aqueles que sentem profundamente, sempre defenderam sua existência. Descobertas modernas relacionadas ao magnetismo ético ou magnetoestética, tornam provável que os afetos humanos mais naturais, verdadeiros e intensos sejam aqueles que surgem no coração como por uma simpatia elétrica. Ou seja, os laços mais fortes e duradouros das almas são aqueles que se estabelecem com um olhar. A confissão que estou prestes a fazer é um exemplo que essa afirmação é verdadeira.

Minha história exige que eu seja um tanto minucioso. Ainda sou muito jovem. Não tenho ainda vinte e dois anos. Meu nome é bastante comum e até mesmo plebeu: Simpson. Mas só recentemente passei a ser chamado assim. Adotei esse sobrenome por lei no ano passado para receber uma grande herança deixada por um parente distante: o advogado Adolphus Simpson. Para receber essa herança, eu deveria adotar o nome de família e não meu nome próprio. Aliás, meu nome antigo era Napoleão Bonaparte.

Adotei o nome Simpson com certa relutância, pois, eu me orgulhava de meu verdadeiro sobrenome paterno, Froissart. Já que estamos falando de nomes, posso mencionar uma coincidência sonora interessante entre os nomes de alguns dos meus parentes mais próximos. Meu pai era o Monsieur Froissart, de Paris. Minha mãe, com quem ele se casou aos quinze anos, era Mademoiselle Croissart, filha mais velha de Croissart, o banqueiro, cuja esposa, por sua vez, tendo apenas dezesseis anos quando se casou, era a filha mais velha de um certo Victor Voissart. Monsieur Voissart, de forma bastante peculiar, casou-se com uma senhora de nome semelhante: Mademoiselle Moissart. Ela também era bem jovem quando se casou. Sua mãe, Madame Moissart, tinha apenas quatorze anos quando foi levada ao altar. Esses casamentos precoces são comuns na França. Assim tenho descendência das famílias Moissart, Voissart, Croissart e Froissart. Mas meu nome, como eu disse, tornou-se Simpson por um ato legislativo. Senti tanta repugnância por essa exigência que, durante algum tempo, hesitei em aceitar a herança.

Fisicamente, acredito que eu seja bem-feito e um rosto que creio que nove décimos do mundo considerariam bonito. Tenho um metro e oitenta de altura. Meu cabelo é preto e encaracolado. Meu nariz é razoavelmente bom. Meus olhos são grandes e cinzentos. Embora minha visão não seja boa, não é nada aparente. A fraqueza da minha vista sempre me incomodou muito. Recorri a vários métodos, exceto usar óculos. Sendo jovem e bonito, naturalmente não gosto deles e recusei-me a usá-los. Não conheço nada que desfigure tanto o rosto de uma pessoa jovem ou que imprima um ar de recato, santidade e idade avançada. Os monóculos, no entanto, dão um ar de presunção. Até agora, tenho me virado tão bem quanto possível sem nenhum dos dois. Mas me detenho demais nesses detalhes pessoais, que têm pouca importância. Vou me contentar em dizer que meu temperamento é sanguíneo, impetuoso, ardente, entusiasmado e que, durante toda a minha vida, fui um admirador devoto das mulheres.

Certa noite, no inverno passado, fui à uma noite de ópera no Teatro P., na companhia de um amigo, o Sr. Talbot. Os cartazes anunciavam espetáculos como uma atração rara, de modo que o local estava lotado. Chegamos a tempo. Porém, tivemos dificuldade para chegar aos lugares reservados, bem à frente, tendo que abrir caminho a cotoveladas.

Por fim chegamos ao camarote. Meu companheiro era um grande fã de musicais. Durante duas horas, seus olhos ficaram fixos no palco. Enquanto isso, eu me divertia observando a plateia, formada principalmente pela elite da cidade. De repente, vi uma mulher que havia escapado à minha observação.

Jamais me esquecerei daquele momento. Era a mulher mais encantadora que já vi. Foi difícil ver seu rosto por um tempo, porque ela estava olhando para o palco. Descrever aquele rosto como divino parece pouco. Mas não consigo pensar em outra palavra que expresse tamanha beleza.

Tinha formas encantadoras: uma estatura um pouco acima da média, quase alcançando um nível majestoso; curvas perfeitas que eram deliciosas; usava um acessório de cabeça feito com um tecido bem leve; os braços estavam cobertos parcialmente por mangas soltas e abertas que se estendiam um pouco abaixo do cotovelo; usava uma blusa de tecido delicado, justa ao corpo, com um punho de renda rica que caía graciosamente sobre a mão, revelando apenas os dedos delicados e um anel de diamantes, que parecia ser de extraordinário valor; usava também uma pulseira que denunciava sua riqueza e seu gosto refinado.

Fiquei observando sua beleza por pelo menos meia hora, parado como uma estátua. Durante esse tempo, senti a verdade de tudo o que já foi dito sobre o "amor à primeira vista". Meus sentimentos eram diferentes de qualquer outro que eu já experimentei. Era inexplicável.

Eu sabia que estava profundamente, loucamente, irrevogavelmente apaixonado. E isso antes mesmo de ver o rosto da pessoa amada. Foi tudo tão intenso que a paixão me consumiu. Em um momento, houve uma agitação na plateia que fez com que ela virasse parcialmente sua cabeça em minha direção. Então pude ver o perfil do seu rosto. Sua beleza superou até mesmo minhas expectativas.

No entanto, algo nela me decepcionou, sem que eu soubesse definir exatamente o quê. Eu disse "decepcionou", mas essa não é a palavra certa. Meus sentimentos estavam confusos. Talvez por seu rosto ter uma aura maternal e quase angelical. Mas não era apenas isso. Havia algo mais. Algum mistério que eu não conseguia desvendar. Alguma expressão no semblante que me perturbava e, ao mesmo tempo, aumentava ainda mais meu interesse.

Lá era proibido o uso de binóculos. Eu teria ficado mais perto dela, mas o teatro estava lotado e isso seria impossível. Se ela estivesse sozinha, eu teria entrado em seu camarote e conversado com ela. Mas ela estava acompanhada: um cavalheiro e uma outra mulher de beleza estonteante, aparentemente alguns anos mais jovem que ela. Pensei em mil planos para conseguir, mais tarde, me apresentar à senhora mais velha. Por fim, perguntei ao meu amigo:

- Talbot, você tem um binóculo? Me empreste, por favor.
- Um binóculo?! Não! Para que você quer um binóculo?
- Está vendo aquele camarote? Já viu alguma vez uma mulher tão bela?
- Ela é muito bonita, sem dúvida. Quem será ela?
- Você não sabe quem ela é? Ela é a famosa Madame Lalande, conhecida por sua beleza, muito rica, viúva, e uma ótima pretendente. Ela acaba de chegar de Paris.

- Você a conhece?
- Sim, tenho a honra.
- Poderia me apresentar?
- Certamente, com o maior prazer. Quando?
- Amanhã, a uma hora, irei visitá-lo na casa de B.
- Muito bem. Agora, por favor, fique quieto, se puder.

Talbot voltou seus olhos para o palco, enquanto eu mantinha meus olhos fixos em Madame Lalande. Por fim, consegui ver seu rosto de frente. Era belo, meu coração já me dizia, mesmo que Talbot não tivesse me convencido completamente desse ponto. Mas algo ininteligível me perturbava. Talvez uma tristeza ou cansaço lhe tirava algo de sua juventude e do frescor. Mas isso só despertou ainda mais o meu interesse.

Enquanto eu me deliciava com a visão, percebi que ela notou que eu a observava. Ainda assim, eu estava absolutamente fascinado e não conseguia desviar o olhar, nem por um instante. Ela virou o rosto e, novamente, vi apenas a parte de trás de sua cabeça. Após alguns minutos, ela parecia curiosa para saber se eu ainda a observava.

Então, ela virou o rosto novamente e olhou diretamente para mim mais uma vez. Seus grandes olhos escuros se fecharam instantaneamente e seu rosto ficou corado. Mas fiquei espantado ao perceber que ela não apenas não desviou o olhar, como também me observou com um binóculo por vários minutos. Fiquei admirado e surpreso.

Ao erguer o binóculo pela primeira vez, ela pareceu satisfeita ao me ver. Continuou a me observar fixamente por vários minutos, o que atraiu a atenção de algumas pessoas, provocando um burburinho na plateia. Isso me deixou confuso, mas ela não mostrou nenhuma mudança em seu semblante.

Deveria ter satisfeito sua curiosidade, penso eu. Ela largou o binóculo e voltou a olhar tranquilamente para o palco. Continuei a observá-la sem parar, embora estivesse plenamente consciente da minha grosseria. Logo vi sua cabeça mudar de posição lentamente. Logo me convenci de que a dama, enquanto fingia olhar para o palco, na verdade, me observava atentamente. Fiquei entusiasmado por ser observado por uma mulher tão fascinante.

Ela ficou me examinando por uns quinze minutos. Vi que ela, de vez em quando, puxava conversa com o cavalheiro que a acompanhava. Pelos seus olhares, percebi que falavam de mim. Quando a apresentação estava terminando, Madame Lalande permaneceu concentrada no palco.

Mas ao terminar, ela me encarava novamente com seu binóculo, ignorando o burburinho da plateia e me examinando da cabeça aos pés. Isso me encorajou muito. Em um momento em que a plateia estava concentrada na ópera, aproveitei a oportunidade e fiz uma leve reverência. Seu rosto corou e ela desviou o olhar. Olhou em volta cautelosamente para ver se minha ação impulsiva havia sido notada. Em seguida, inclinou-se ao cavalheiro que estava sentado ao seu lado.

Eu me senti desconfortável, mas logo fiquei aliviado ao ver a senhora entregando um programa de teatro ao cavalheiro sem dizer uma palavra. Talvez você, leitor, consiga ter uma vaga ideia do meu espanto quando ela me olhou fixamente. Então, revelou seu lindo sorriso e inclinou sua cabeça duas vezes, indicando uma afirmação.

Minha felicidade era ilimitada. Se algum homem já foi louco de tanta felicidade, esse homem era eu naquele momento. Eu sentia que este era o meu primeiro amor. Um amor supremo, indescritível, um "amor à primeira vista": correspondido e recíproco. Sim, recíproco. Por que eu deveria duvidar disso? Que outra interpretação eu poderia ter?

Ainda mais vindo de uma dama tão bela, tão rica, de tão alta linhagem, de uma posição tão elevada na sociedade. Sim, ela me amava! Ela retribuía meu amor com um entusiasmo tão cego, tão intransigente, tão despreocupado, tão desenfreado e tão ilimitado!

Contudo, essas deliciosas reflexões e fantasias foram interrompidas quando a cortina baixou. O público se levantou; e houve aquele tumulto habitual. Ao sair, fiz todo o possível para me aproximar de Madame Lalande. Mas falhei, por conta da multidão, desisti de alcançá-la e voltei para minha casa. Fiquei decepcionado por não ter conseguido sequer tocar na bainha do seu vestido.

Após uma longa e cansativa noite de impaciência, o dia amanheceu. As horas pareciam arrastadas e tediosas. Até que o relógio bateu e chegou ao fim essa longa espera. Então, entrei no B. e perguntei por Talbot para seu empregado:

– Fora – disse ele.

– Fora? O que quer dizer? – respondi.

– Nada, senhor. Apenas que o Sr. Talbot não está aqui. Só isso. Ele foi até S. logo depois do café da manhã e avisou que não voltaria à cidade por uma semana.

Fiquei com muita raiva e sem palavras. Era evidente que Talbot havia se esquecido completamente do nosso encontro. Mas ele jamais fora um homem de palavra. Saí do local e perguntei sobre Madame Lalande a todos os homens que encontrava pelo caminho. Ela era muito conhecida. Descobri que ela estava na cidade há poucas semanas e, portanto, poucos a conheciam pessoalmente. Esses poucos não queriam me apresentá-la. Então, enquanto conversava com um trio de amigos um deles disse:

- Lá está ela!
- Que linda! – exclamou um segundo.
- Um anjo na Terra! – exclamou um terceiro.

Ela vinha em uma carruagem aberta que se aproximava de nós, passando lentamente pela rua.

- Sua acompanhante também está muito bem vestida – disse o primeiro.
- Impressionantemente. Ela ainda tem um ar brilhante. Juro por Deus, ela está melhor do que estava em Paris há cinco anos. Uma mulher linda, sem dúvida. Não acha, Froissart? Simpson, quero dizer.
- Sempre! E por que não estaria? Mas comparada com a amiga, ela é como um raio de luz de uma estrela vespertina. Um brilho.

Quando a carruagem de Madame Lalande passou pelo nosso grupo, notei que ela me reconheceu e me cumprimentou com um sorriso. Mas fui obrigado a abandonar toda a esperança de ser devidamente apresentado a ela até que Talbot retornasse ao país. Durante todos os dias de espera, eu perguntava por Talbot em seu hotel. Mas eu era tomado diariamente por um acesso de raiva com o eterno "Ainda não voltou para casa" de seu empregado.

Enquanto isso, frequentei perseverantemente todos os lugares de entretenimento público de boa reputação. Quinze dias depois, finalmente a encontrei no teatro onde a vi pela primeira vez. Trocamos olhares mais uma vez. Naquela noite, eu estava quase à beira da loucura. Madame Lalande era parisiense e havia chegado recentemente. Pensei que ela poderia retornar de repente, antes de Talbot voltar. Eu poderia perdê-la para sempre? Esse pensamento era terrível demais para suportar. Como minha felicidade estava em jogo, resolvi tomar coragem. Ao término da peça, anotei o endereço da dama.

Na manhã seguinte, enviei-lhe uma carta na qual abri meu coração por completo. Falei com ousadia e paixão. Não escondi nada. Nem mesmo minhas fraquezas. Mencionei até mesmo os olhares que trocamos. Cheguei a dizer que tinha certeza do seu amor. Ao mesmo tempo, ofereci toda a minha devoção, como duas justificativas para minha conduta. Como terceira justificativa, mencionei meu receio de que ela pudesse deixar a cidade antes que eu tivesse a oportunidade de uma apresentação formal. Concluí a carta com uma declaração franca da minha situação financeira, da minha riqueza, e com uma oferta do meu coração e da minha mão.

Aguardei uma resposta ansiosamente. Após o que pareceu um século, ela chegou. Recebi uma carta de Madame Lalande. Ela não rejeitou minhas propostas. Ela não se refugiou no silêncio. Ela me enviou, em resposta, uma carta escrita por seus próprios dedos delicados que dizia o seguinte:

Monsieur Simpson, perdoar por não escrever bela língua de seu paíz. No tive oportunidade di estudar. Desculpas pelo meu modo. Não estar preparada para falar muita.

Eugenie Lalande.

Eu beijei este bilhete um milhão de vezes. Mas Talbot ainda não voltou. Se ele soubesse o sofrimento que sua ausência me causou. Decidi escrever para ele. Ele me respondeu que estava ocupado com assuntos urgentes, mas que voltaria em breve.

Implorou-me que não fosse impaciente, que moderasse meus pensamentos, que lesse livros agradáveis, que não bebesse nada mais forte que uísque e que buscasse consolações na Filosofia. Que tolo! Se ele não pode vir pessoalmente, não poderia me enviar uma carta de apresentação?

Escrevi-lhe novamente, implorando que me enviasse uma imediatamente. Minha carta foi devolvida com a seguinte anotação a lápis do empregado:

Parti ontem, para um lugar desconhecido. Não sei para onde, nem quando voltarei. Então achei melhor devolver a carta, conhecendo sua caligrafia e sabendo que você está sempre, mais ou menos, com pressa.

Atenciosamente,

Stubbs.

É desnecessário dizer que senti raiva tanto do patrão quanto do criado. Mas resolvi usar a minha ousadia, dentro dos limites do bom senso. Após o episódio da carta, eu comecei a vigiar a casa de Madame Lalande. Descobri que, ao entardecer, era seu costume passear em uma praça pública. Saía acompanhada apenas por um homem negro uniformizado. Certo dia, em uma noite de verão, em meio aos bosques exuberantes e sombrios, tive a oportunidade para abordá-la.

Segui em sua direção para cumprimentá-la. Ela estendeu uma mãozinha encantadora. O criado se afastou e tivemos uma oportunidade de conversarmos abertamente sobre o nosso amor com os corações transbordando. Madame Lalande falava inglês com ainda menos fluência do que escrevia. Preferíamos então conversar em francês, nessa doce língua, tão adaptada à paixão. Dei vazão ao meu entusiasmo impetuoso e implorei que aceitasse meu pedido de casamento imediatamente. Ela percebeu minha ansiedade e sorriu. Insistiu na velha história do decoro, aquele bicho-papão que impede tantos de serem felizes até que a oportunidade para a felicidade tenha passado para sempre. Ela mencionou que eu havia revelado aos meus amigos que desejava conhecê-la e, portanto, que eu não a conhecia.

Por isso, não haveria possibilidade de ocultar a data do nosso primeiro contato. Casar-se imediatamente seria impróprio e indecoroso. Ela disse com um encantador ar de ingenuidade que me arrebatou, ao mesmo tempo que me entristecia e me convencia. Sorrindo, ela chegou ao ponto de me acusar de imprudência. Pediu-me que me lembrasse de que eu realmente nem sabia quem ela era, quais eram suas perspectivas, suas conexões, sua posição na sociedade. Pediu-me com um suspiro, que reconsiderasse minha proposta. Disse que meu amor de paixão era passageiro, uma criação mais da imaginação do que do coração.

Escurecia cada vez mais, enquanto conversávamos. Até que então, com um leve toque de sua mão delicada, como a de uma fada, derrubou docemente toda a argumentação que havia erguido. Respondi da melhor maneira que pude, como apenas quem ama de verdade pode fazer. Falei com perseverança sobre minha devoção, minha paixão. Mencionei sua beleza extraordinária e minha própria admiração entusiástica. Reconheci os perigos que envolvem o curso do amor verdadeiro que nunca foi fácil.

Ela cedeu, mas disse que ainda havia um obstáculo. Falou que tinha certeza que eu não tinha considerado devidamente. Era um ponto delicado. Ela se referiu à nossa diferença de idade. Perguntou se eu estava ciente da discrepância entre nossas idades. Porque a idade do marido pode ultrapassar alguns anos. Até mesmo em quinze ou vinte. Mas, para muitos, a idade da mulher nunca deveria exceder em número os do marido. Ela sabia que a minha idade não ultrapassava os vinte e dois anos; e que eu talvez não soubesse a idade dela. Então, eu disse a ela:

– Minha querida Eugenie, sobre o que você está falando? Seus anos superam os meus. Mas e daí? É uma convenção tola. Para aqueles que amam como nós, qual a diferença entre uma hora e um ano? Tenho vinte e dois anos, quase vinte e três. Mas você não deve ter mais que...

Fiz uma pausa, esperando que ela me interrompesse para revelar sua verdadeira idade. Mas ela estava procurando algo em seu peito, que finalmente caiu na grama. Eu imediatamente peguei e lhe ofereci.

– Fique com ela! Para que se lembre de mim. No verso dela, você poderá descobrir, talvez, a informação que parece desejar. Você poderá examiná-la com calma pela manhã. Já está ficando escuro. Enquanto isso, você será minha companhia até em casa esta noite. Meus amigos estão organizando uma pequena festa com música. Posso lhe prometer também um bom show. Nós, franceses, não somos tão meticulosos quanto vocês, americanos, e não terei dificuldade em levá-lo escondido, como um velho conhecido.

Então, ela pegou meu braço e eu a acompanhei até sua casa. Era uma mansão muito elegante. Estava escuro, mas parecia ser mobiliada com bom gosto. Havia apenas um abajur aceso na sala principal. Outros dois cômodos, onde a maioria dos convidados se reunia, permaneceram em uma agradável penumbra durante toda a noite.

A noite foi, sem dúvida, a mais deliciosa da minha vida. Madame Lalande não superestimou as habilidades musicais de seus amigos. O canto que ouvi ali superava qualquer outro de círculos privados fora de Viena. As vocalistas eram principalmente senhoras, e nenhuma cantava menos do que bem. Havia também muitos instrumentistas. Todos talentosos. Por fim, Madame Lalande foi chamada e ela se dirigiu ao piano na sala principal. Eu a teria acompanhado pessoalmente, mas senti melhor permanecer discreto onde estava. Assim, fui privado do prazer de vê-la, mas não de ouvi-la cantar.

A impressão que ela causou em todos foi eletrizante. E sobre mim, foi ainda maior. Não sei como descrever adequadamente. Havia uma sensibilidade em sua voz. Sua interpretação do romance em Otello ainda ressoa em minha memória. Seus tons graves eram absolutamente impressionantes. Sua voz abrangia três oitavas completas, estendendo-se do contralto ao soprano agudo.

Era suficientemente potente para preencher a Catedral de San Carlos. Ela executava com precisão todas as dificuldades da música que cantava. Após o milagre de sua apresentação, ela se levantou do piano e retomou seu lugar ao meu lado. Expressei a ela todo meu deleite ao vê-la cantar.

Nossa conversa agora era longa, séria, ininterrupta e totalmente desinibida. Contei a ela um pouco sobre minha vida. Não escondi nada, porque sentia que tinha o direito de não esconder nada. Confessei, com sinceridade, minhas limitações morais e até mesmo físicas, acreditando que coragem é uma prova de segurança no amor. Mencionei minhas indiscrições na faculdade, minhas extravagâncias, noitadas, dívidas e flertes. Cheguei até a falar de uma tosse levemente irritante que, certa vez, me incomodou. E, por fim, da desagradável e inconveniente fraqueza dos meus olhos. Então ela falou:

– Sobre este último ponto, você certamente foi imprudente ao vir se confessar; pois, sem sua confissão, presumo que ninguém o teria acusado do crime. A propósito, você se lembra, meu caro amigo, deste pequeno binóculo que agora pende do meu pescoço?

Enquanto falava, ela segurava o mesmo binóculo que usava na ópera. Então eu respondi:

– Claro me lembro!

Sua mão delicada me oferecia o binóculo para inspeção. Era complexo e magnífico, cravejado com pedras que, mesmo na penumbra, eu não podia deixar de perceber serem de grande valor.

– Bem, meu amigo. Você me pediu minha mão amanhã. Se eu ceder ao seu pedido e aos anseios do meu próprio coração, eu poderia lhe pedir algo em troca?

– Diga-me, minha amada Eugenie! O pedido já foi concedido antes mesmo de ser dito.

– Então, meu amigo, você entenderá que eu quero que você use óculos. Aceite este pequeno brinquedo que agora tenho em minhas mãos, que na verdade não tem muito valor como uma joia. Você percebe que ela pode ser adaptada aos olhos na forma de óculos ou usada no bolso do colete como um binóculo.

Esse pedido me deixou bastante confuso, mas aceitei sem hesitação, é claro. Respondi entusiasmado então:

– Está feito! Combinado! Sacrifico todos os meus sentimentos por você. Esta noite, usarei este querido presente como um binóculo, sobre o meu coração. Mas, ao raiar do dia em que tiver o prazer de chamá-la de esposa, irei colocá-lo no meu nariz e lá o usarei para sempre, da forma menos romântica e menos elegante, mas certamente mais prática, que você deseja.

Conversamos então sobre nossos planos para o dia seguinte. Soube por minha noiva, que Talbot acabou de chegar à cidade. Eu deveria providenciar uma carruagem e ir vê-lo imediatamente. A festa terminaria antes das duas.

Por volta deste horário, o veículo deveria estar à porta, para que durante a partida dos convidados, Madame Lalande pudesse entrar sem ser vista. Em seguida, deveríamos visitar a casa de um clérigo que estaria à nossa espera. Lá nos casaríamos, deixaríamos Talbot e partiríamos para uma breve viagem ao Oriente, deixando aqueles que quisessem fazer comentários que achassem convenientes sobre o assunto.

Após planejarmos tudo, despedi-me imediatamente e fui em busca de Talbot. Mas no caminho, não resisti à tentação de entrar em um hotel para inspecionar meu presente. Fiz com a poderosa ajuda dos binóculos. Vi um rosto de uma beleza extraordinária! Aqueles olhos grandes e luminosos! Aquele nariz grego imponente! Aqueles cachos escuros e exuberantes!

– Ah! Este é de fato o retrato falante da minha amada!

Virei o verso e descobri as palavras:

Eugenie Lalande com vinte e sete anos e sete meses de idade.

Encontrei Talbot em casa e imediatamente lhe contei minha boa sorte. Ele demonstrou grande espanto, mas me parabenizou cordialmente e ofereceu toda a ajuda que estivesse ao seu alcance. Por fim, cumprimos nosso combinado à risca. Às duas da manhã, apenas dez minutos após a cerimônia, me vi em uma carruagem fechada com Madame Lalande, ou eu diria com a Sra. Simpson, saindo da cidade em alta velocidade, em direção nordeste-norte.

Talbot havia previsto que, como ficaríamos acordados a noite toda, deveríamos fazer nossa primeira parada em C., uma vila a cerca de trinta quilômetros da cidade, para tomar um café da manhã cedo e descansar um pouco antes de prosseguirmos viagem.

Assim, às quatro horas em ponto, a carruagem parou à porta da hospedaria principal. Ajudei minha adorada esposa a descer e pedi o café da manhã imediatamente. Enquanto isso, fomos conduzidos a uma pequena sala de estar e nos sentamos. Já estava quase amanhecendo. Eu a contemplava extasiado, observando o anjo ao meu lado. Aquele era realmente o primeiro momento, desde meu encontro com a célebre beleza de Madame Lalande, em que eu a observava tão próximo da luz do dia. Então, ela pegou em minha mão, e interrompeu minha reflexão me dizendo:

– E agora, meu amigo, já que somos indissolúvelmente um, já que cedi aos seus apelos apaixonados e cumpri minha parte do nosso acordo, presumo que você não se esqueceu de que também tem um pequeno favor a me conceder. Uma pequena promessa que prometeu cumprir.

– Minha bela Eugenie, não tenho a menor intenção de não cumprir minha promessa. Veja! Veja só!

Posicionei o binóculo como óculos de grau. Coloquei delicadamente em sua posição correta, enquanto Madame Simpson, ajustava seu chapéu e cruzava os braços. Sentava-se ereta em sua cadeira, em uma posição um tanto rígida e formal, e, de fato, um tanto indigna.

– Meu Deus! O que aconteceu com esses óculos? – exclamei, no mesmo instante em que coloquei o binóculo no meu nariz.

Removi o binóculo rapidamente. Limpei cuidadosamente com um lenço de seda e recoloquei. Se no primeiro momento algo me surpreendeu, no segundo me espantou. Eu podia acreditar nos meus olhos? O que tinha acontecido com os dentes dela? Com o rosto dela? Joguei o binóculo violentamente no chão. Fiquei de pé, no meio do salão, encarando a Sra. Simpson.

Já disse que Madame Eugenie Lalande — ou seja, Simpson — falava inglês, mas muito pouco melhor do que escrevia, e por essa razão, muito apropriadamente, nunca tentava falar o idioma em ocasiões comuns. Mas a raiva leva uma dama a qualquer extremo; e, no caso em questão, levou a Sra. Simpson ao extremo extraordinário de tentar manter uma conversa em uma língua que não compreendia totalmente.

– Bem, senhor, qual é o problema agora?

– Sua desgraçada! A imagem que me deu dizia que tinha vinte e sete anos e sete meses!

– Com certeza! É verdade! Mas o retrato foi feito há cinquenta e cinco anos. Quando me casei com meu segundo marido, o Sr. Lalande. Mandeí fazer o retrato da minha filha com meu primeiro marido, o Sr. Moissart!

– Moissart?

– Sim, Moissart. Minha filha, Mademoiselle Moissart, casou-se com o Sr. Voissart, e ambos são nomes muito respeitáveis. A filha da minha filha, Mademoiselle Voissart, casou-se com o Sr. Croissart; e, novamente, a neta da minha filha, Mademoiselle Croissart, casou-se com o Sr. Froissart. Mas o Sr. Froissart era um grande idiota. Deixou a bela França para vir a esta estúpida América. Mas nem eu, nem minha acompanhante, a Sra. Stephanie Lalande o conhecemos ainda. Seu nome é Napoleão Bonaparte Froissart. Suponho que você diga que esse também não é um nome muito respeitável.

Enquanto fazia seu discurso, ela rangeu os dentes, agitou os braços, arregaçou as mangas, sacudiu o punho na minha cara e concluiu a performance arrancando o chapéu e com ele uma imensa peruca de belos e valiosos cabelos negros, que ela atirou ao chão com um grito, e ali pisoteou em agonia e raiva.

Enquanto isso, eu estava estarelecido. Madame Eugenie Lalande era, na verdade, minha tataravó. Em sua juventude, fora muito bela. E, mesmo aos oitenta e dois anos, conservava sua nobreza, o contorno escultural da cabeça, os belos olhos e o nariz grego de sua juventude. Com a ajuda de maquiagem, cabelos postiços, dentes postiços e habilidosas modistas de Paris, ela conseguiu manter uma posição respeitável entre as beldades parisienses. Ela era muito rica e, tendo ficado viúva sem filhos pela segunda vez, veio para a América com o propósito de me tornar seu herdeiro. A acompanhante, Madame Stephanie Lalande era uma parente distante de seu segundo marido.

Na ópera, ela percebeu em mim uma certa semelhança familiar consigo mesma. O cavalheiro que a acompanhava reconheceu minha pessoa e lhe disse quem eu era. Ela retribuiu minha reverência imaginando que eu havia descoberto sua identidade. Quando mencionei a Talbot quem ela era, ele deduziu que eu me referisse à sua acompanhante.

Na manhã seguinte, minha tataravó encontrou Talbot na rua e ele explicou as minhas limitações visuais. Mencionou também que eu não tive oportunidade de vê-la de perto durante o dia. Na noite do sarau, como eu não usava óculos não descobri sua idade. Quando Madame Lalande foi chamada para cantar, era na verdade a jovem. Minha tataravó se levantou no mesmo instante e a acompanhou até o piano na sala principal. Se eu tivesse decidido acompanhá-la até lá, ela teria sugerido que eu permanecesse onde estava. As canções que tanto admirei foram interpretadas por Madame Stephanie Lalande. O clérigo era um grande amigo de Talbot e não um padre. Depois do falso casamento, ele tirou a batina para vestir um sobretudo e conduziu a carruagem que levou o "casal feliz" para fora da cidade. Talbot sentou-se ao seu lado. Os dois patifes divertiam-se sorrindo com o desfecho desta história.

Contudo, não sou o marido da minha tataravó; mas me tornei o marido da Madame Stephanie Lalande. Em conclusão: chega de bilhetes de amor para sempre e nunca mais serei visto sem meus óculos.

FIM



ALGUMAS PALAVRAS
COM UMA MÚMIA

ALGUMAS PALAVRAS COM UMA MÚMIA

O simpósio da noite anterior foi um pouco demais para os meus nervos. Eu estava com uma dor de cabeça terrível e com muito sono. Por isso, resolvi não sair. Naquele momento me parecia mais sensato comer pouco no jantar e ir direto para a cama.

Um jantar leve, é claro. Adoro um prato chamado Welsh Rarebit. Mas não é aconselhável comer mais de meio quilo de uma vez. Ainda assim, não há problema nenhum em comer duas fatias. Na verdade, entre duas e três fatias, a diferença é mínima. Talvez eu tenha arriscado quatro. Minha esposa prefere cinco. O número cinco refere-se às garrafas de Brown Stout. Sem estas bebidas como acompanhamento, o Welsh Rarebit deve ser evitado. Terminei um jantar bem leve.

Coloquei minha touca de dormir na esperança de dormir até o meio-dia do dia seguinte. Repousei minha cabeça no travesseiro e, com a consciência tranquila, logo dormi profundamente.

Mas quando acabaram as esperanças da humanidade? Mal comecei a dormir quando fui acordado pela campainha da porta da rua, seguido por batidas impacientes. Um minuto depois, enquanto eu ainda esfregava os olhos, minha esposa enfiou na minha cara um bilhete do meu velho amigo, o Dr. Ponnonner, que dizia o seguinte:

Meu caro amigo, venha me ver assim que receber esta carta. Venha e junte-se a nós em nossa alegria. Finalmente, após muita perseverança e diplomacia, obtive a aprovação dos diretores do Museu da Cidade para examinar a múmia (você sabe de qual estou falando). Tenho permissão para estudá-la. Apenas alguns amigos estarão presentes. Conto com sua presença, é claro. A múmia já está em minha casa e começaremos a desenrolá-la às onze da noite.

*Atenciosamente,
Ponnonner*

Saltei da cama entusiasmado, derrubando tudo em meu caminho. Vesti-me rapidamente e parti, a toda velocidade, para o consultório do médico. Quando cheguei, percebi que estava tão acordado quanto precisava. Lá encontrei todos reunidos e muito animados. Eles me aguardavam impacientemente. A múmia estava estendida sobre a mesa de jantar. No momento em que entrei, o exame começou.

A múmia foi trazida há anos pelo Capitão Arthur Sabretash, primo de Ponnonner, de um túmulo perto de Eleítias, nas Montanhas da Líbia, a uma distância considerável acima de Tebas, no Nilo. O local onde foi encontrada, embora menos magnífico que os sepulcros tebanos, é de maior interesse.

Isto porque oferece muitas ilustrações da vida privada dos egípcios. A câmara de onde a múmia foi retirada era muito rica em tais ilustrações. As paredes estavam completamente cobertas com pinturas a fresco e baixos-relevos. Havia também estátuas, vasos e mosaicos com padrões elaborados que indicavam a vasta riqueza do falecido.

O tesouro foi levado ao Museu nas mesmas condições em que o Capitão Sabretash o encontrou. O sarcófago esperou então oito anos para ser aberto. Até então, permanecia sujeito apenas à inspeção pública externa. Tínhamos agora, portanto, uma múmia completa à nossa disposição. Para aqueles que sabem, é muito raro uma antiguidade intacta chegar às nossas costas. Assim, é evidente que tínhamos grandes motivos para comemorar nossa sorte.

Ao me aproximar da mesa, vi o sarcófago, com quase dois metros de comprimento, talvez um metro de largura e sessenta e cinco centímetros de profundidade. Ela era alongada, mas não tinha formato de caixão. Inicialmente, pensávamos que o material fosse de madeira de plátano. Mas, ao cortá-la, descobrimos que era feita de papelão, ou mais propriamente, papel machê feito de papiro. Era decorada com muitas pinturas que representavam cenas fúnebres, intercaladas por hieróglifos, certamente indicando o nome do falecido. Por sorte, o Sr. Gliddon fazia parte do nosso grupo. Ele não teve dificuldade em traduzir as letras, que eram simplesmente fonéticas e representavam a palavra “Allamistakeo”.

Não foi fácil abrir o sarcófago sem danificá-lo. Ao abri-lo, encontramos uma segunda caixa consideravelmente menor, porém idêntica a ela em todos os outros aspectos. O espaço entre as duas estava preenchido com resina, que havia alterado as cores da caixa interna. A segunda caixa foi aberta com facilidade. Então, nos deparamos com uma terceira caixa, idêntica à segunda, exceto que era feita de cedro e exalava um odor peculiar e aromático de madeira.

Entre a segunda e a terceira caixa não havia qualquer espaço; uma encaixava-se perfeitamente dentro da outra. Ao abriremos o terceiro caixão, encontramos e retiramos um corpo. Esperávamos encontrá-lo envolto em várias camadas de linho, como era de costume. Mas, em vez disso, havia uma espécie de invólucro de papiro, revestido com uma camada de gesso pintado de dourado. As pinturas deveriam representar temas relacionados aos deveres da alma, divindades, figuras humanas e outras pessoas embalsamadas. Da cabeça aos pés, havia uma inscrição perpendicular. Deveriam ser hieróglifos que mencionariam o seu nome e seu título, bem como os nomes e títulos de seus parentes. Em volta do pescoço, havia um colar colorido de contas cilíndricas de vidro. Em volta da cintura, havia um colar semelhante.

Ao removermos o papiro, encontramos a pele em excelente estado de conservação, sem nenhum odor perceptível. Era avermelhada, dura, lisa e brilhante. Os dentes e o cabelo também estavam em bom estado. Os olhos (ao que parecia) foram removidos e substituídos por olhos de vidro, que eram muito bonitos e maravilhosamente realistas. As unhas das mãos e dos pés eram brilhantemente douradas.

O Sr. Gliddon disse que, devido à vermelhidão observada na epiderme, o embalsamamento provavelmente foi realizado com betume. Porém, ao raspar a superfície com um instrumento de aço e jogar no fogo um pouco do pó obtido, sentimos um aroma de cânfora e outras gomas de cheiro adocicado.

Examinamos o cadáver com muito cuidado em busca das aberturas por onde as entranhas são extraídas. Mas, para nossa surpresa, não encontramos nenhuma. Nunca havíamos presenciado uma múmia inteira ou não aberta. Geralmente, o cérebro das múmias é removido pelo nariz e os intestinos por uma incisão na lateral. O corpo era então raspado, lavado e salgado, e deixado em repouso por várias semanas durante o processo de embalsamamento.

Como não foi possível encontrar qualquer vestígio de abertura, o doutor Ponnonner preparava seus instrumentos para a dissecação. Mencionei que já passava das duas horas. Diante disso, ficou decidido adiar o exame interno para a noite seguinte, e estávamos prestes a nos despedir quando alguém sugeriu um ou dois experimentos com uma pilha voltaica.

A aplicação de eletricidade a uma múmia com pelo menos três ou quatro mil anos era uma ideia que todos nós concordamos imediatamente, embora parecesse algo em tom de brincadeira para a maioria de nós. Então, improvisamos uma bateria no escritório do doutor e levamos o corpo para lá.

Depois de muito esforço, conseguimos expor algumas partes do músculo temporal que pareciam menos rígidas. Entretanto, como havíamos previsto, não havia qualquer indício de suscetibilidade galvânica quando em contato com o fio. O primeiro teste pareceu decisivo. Demos uma boa gargalhada diante do nosso próprio absurdo. Estávamos nos despedindo, quando meus olhos se arregalaram aos ver os da múmia. Aqueles olhos que todos supunham ser de vidro, agora encontravam-se cobertos pelas pálpebras.

Dei um grito, chamando a atenção de todos ao fato. Imediatamente ficou óbvio para todos. Se não fosse a cerveja Brown Stout, eu ficaria um pouco nervoso. Quanto ao resto das pessoas, eles não fizeram esforço algum para disfarçar o medo absoluto que os dominou. O Dr. Ponnonner estava em um estado digno de pena. O Sr. Gliddon estava pálido. O Sr. Silk Buckingham se escondeu debaixo da mesa, de quatro.

Após o susto inicial, resolvemos prosseguir com a experiência imediatamente. Nossas operações se voltaram então para o hálux do pé direito. Fizemos uma incisão na parte externa da falange, alcançando assim a raiz do músculo abdutor do hálux. Reajustando a bateria, aplicamos um fluido nos nervos seccionados.

Ao aplicar eletricidade, a múmia ergueu o joelho direito, quase encostando-o no abdômen. Depois esticou a perna com uma força inconcebível, desferindo um chute no Dr. Ponnonner, que o arremessou através de uma janela para a rua.

Saímos correndo para encontrar os restos mortais mutilados da vítima, mas tivemos a felicidade de encontrá-lo na escadaria, subindo com uma pressa inexplicável. Ele mencionava a necessidade de prosseguir nosso experimento com rigor e zelo.

Seguindo seu conselho, fizemos uma profunda incisão na ponta do nariz do sujeito, enquanto o próprio doutor procedia fazendo um contato com o equipamento. Figurativamente e literalmente, o efeito foi eletrizante.

Primeiramente, a múmia abriu os olhos e piscou muito rapidamente durante vários minutos, tal como o Sr. Barnes fez na pantomima. Em segundo lugar, espirrou; em terceiro, sentou-se de pé; em quarto lugar, sacudiu o punho na cara do Dr. Ponnonner; em quinto lugar, voltando-se para os senhores Gliddon e Buckingham, dirigiu-se a eles dizendo na língua egípcia:

– Senhores, devo dizer que estou tão surpreso quanto mortificado com o seu comportamento. Do Dr. Ponnonner, eu não podia esperar nada de melhor. Ele é um pobre coitado gordo e tolo que não tem ideia do que faz. Tenho pena dele e o perdoo. Mas o Sr. Gliddon e o Sr. Silk, que viajaram, residiram no Egito e falam egípcio fluentemente tão bem quanto sua língua materna; os senhores que são considerados amigos fiéis das múmias, eu realmente esperava uma conduta mais cavalheiresca. O que devo pensar dos senhores, parados em silêncio, assistindo este tratamento tão desrespeitoso? O que devo pensar dos senhores que permitem que qualquer me dispa no meu sarcófago, neste clima terrivelmente frio? Para ir direto ao ponto, devo considerá-los cúmplices desse miserável vilãozinho, o Dr. Ponnonner, que me arrastou pelo nariz?

Ao ouvirmos a múmia falar, todos ficamos perplexos. Nenhum membro do nosso grupo demonstrou apreensão, nem deu sinais que houvesse algo errado. Ninguém correu para a porta, entrou em histeria ou desmaiou. Talvez seja devido à forma natural e despretensiosa com que a múmia falou.

Da minha parte, eu estava convencido de que tudo estava bem. Simplesmente me afastei, saindo do alcance do punho da múmia. O Dr. Ponnonner, com o rosto vermelho, enfiou as mãos nos bolsos das calças e ficou olhando fixamente para a múmia. O Sr. Gliddon acariciou os bigodes e levantou a gola da camisa. O Sr. Buckingham baixou a cabeça e colocou o polegar direito no canto esquerdo da boca. A múmia o encarou severamente por um tempo e, com um sorriso irônico, disse:

– Por que o senhor não fala, Sr. Buckingham? O senhor ouviu o que eu lhe perguntei ou não? Tire o polegar da boca!

O Sr. Buckingham, então, deu um leve pulo assustado. Tirou o polegar direito do canto esquerdo da boca e, de forma engraçada, colocou o polegar esquerdo no canto direito da boca. Sem conseguir obter uma resposta do Sr. Buckingham, a múmia irritada dirigiu a palavra para o Sr. Gliddon, que respondeu em um excelente discurso.

Toda conversa com a múmia foi em egípcio primitivo, por meio dos Srs. Gliddon e Buckingham. Eles falavam a língua materna da múmia com fluência e elegância. Porém, algumas palavras eram difíceis de serem explicadas. Por exemplo, o Sr. Gliddon teve dificuldade para explicar para a múmia o significado da palavra “política”. Então ele esboçou na parede, com um pouco de carvão, um pequeno cavaleiro de nariz curvado, com os cotovelos para fora, em pé sobre um toco de árvore, com a perna esquerda dobrada para trás, o braço direito estendido para a frente, o punho fechado, os olhos revirados para cima e a boca aberta. Da mesma forma, o Sr. Buckingham não conseguiu explicar o que é uma “peruca”.

Até que, por sugestão do Dr. Ponnonner, que ficou muito pálido e concordou em tirar a sua. O Sr. Gliddon explicou os vastos benefícios que a ciência obteria com o estudo das múmias; desculpando-se por qualquer perturbação que pudesse ter causado, em particular, à múmia, chamada Allamistakeo. Sugeriu, então, que seria melhor prosseguir com o exame planejado. Nesse momento, o Dr. Ponnonner preparou seus instrumentos.

Allamistakeo se mostrou satisfeito com as desculpas apresentadas e, descendo da mesa, cumprimentou todos os presentes com um aperto de mãos. Ao término dos cumprimentos, dedicamo-nos a reparar os danos que a múmia havia sofrido com o bisturi. Suturamos o ferimento na têmpora, enfaixamos o pé e aplicamos uma camada de gesso preto de cerca de dois centímetros quadrados na ponta do nariz.

Descobrimos que além do nome Allamistakeo, a múmia possuía o título de conde. Observamos que a múmia tremia de frio. Então, o Doutor dirigiu-se ao seu guarda-roupa e retornou com algumas roupas: um casaco preto, uma calça xadrez azul-celeste com alças, uma camisa de cambraia rosa, um colete com abas, um sobretudo branco, uma bengala com gancho, um chapéu sem aba, botas de verniz, luvas de pelica cor de palha, um binóculo e uma gravata cascata. Houve certa dificuldade em ajustar essas vestes no corpo do egípcio que era bem menor que o doutor. Mas, uma vez ajeitado, podia-se dizer que ele estava vestido. O Sr. Gliddon, então, ofereceu-lhe o braço e o conduziu a uma cadeira confortável junto à lareira, enquanto o doutor tocou a campainha e solicitou charutos e vinho. A conversa logo se animou. Havia muita curiosidade. Naturalmente, em relação ao fato notável de Allamistakeo ainda estar vivo.

– Eu pensei que estaria morto – observou o Sr. Buckingham.

– Ora, eu tenho pouco mais de setecentos anos! Meu pai viveu mil anos e não estava nem perto da velhice quando morreu – disse o conde.

Houve então uma série rápida de perguntas. Ficou evidente que a idade da múmia havia sido grosseiramente mal avaliada. Havia se passado cinco mil e cinquenta anos e alguns meses desde que ela fora sepultada nas catacumbas de Eleítias.

– Mas meu comentário não tinha referência à sua idade na época do sepultamento. Me referi ao tempo que deve ter ficado coberto de betume – prosseguiu o Sr. Buckingham.

– Coberto do que? – perguntou o conde.

– Betume – insistiu o Sr. Buckingham.

– Ah, sim! Tenho uma vaga ideia do que você quer dizer. Mas na minha época quase não usávamos nada além do bicloreto de mercúrio.

– Mas o que nos deixa perplexos, é como é possível que, tendo sido morto e enterrado no Egito há cinco mil anos, você esteja aqui hoje, vivo e com uma aparência tão radiante – disse o Dr. Ponnonner.

– Se eu estivesse morto, é mais do que provável que ainda estivesse morto. Percebo que os senhores ainda têm pouco conhecimento sobre o Galvanismo e não conseguem perceber que era comum entre nós antigamente. Mas o fato é que entrei em catalepsia, e meus melhores amigos consideraram que eu estava morto ou que deveria estar. Consequentemente, embalsamaram-me imediatamente. Presumo que estejam cientes do princípio fundamental do processo de embalsamamento.

– Não completamente.

– Ah, entendi. Bem, não posso entrar em detalhes agora. Mas é necessário explicar que embalsamar, no Egito, significava suspender indefinidamente todas as funções do organismo. Ou seja, o indivíduo permanece em qualquer condição em que se encontre no momento do embalsamamento. Tenho sorte de ser descendente do Escaravelho, fui embalsamado vivo, como vocês me veem agora.

- O “Sangue do Escaravelho”! – exclamou o Dr. Ponnonner.
- Sim. O escaravelho era o brasão de uma família muito distinta.
- Mas o que isso tem a ver com o fato de você estar vivo?
- Por que é costume geral, no Egito, remover o cérebro e suas vísceras antes do embalsamento? Aqueles que pertencem ao “Sangue do Escaravelho” não são os únicos que se enquadram nesse costume. Mas se eu não fizesse parte desta família, estaria sem entranhas e cérebro. E sem nenhum dos dois é impossível viver.
- Entendo. Presumo que todas as múmias inteiras que chegam às nossas mãos sejam da raça dos Escaravelhos – disse o Sr. Buckingham.
- Com certeza.
- Eu pensei que o Escaravelho fosse um dos deuses egípcios – disse o Sr. Gliddon.
- Um o quê? – exclamou a múmia assustada.
- Deuses!
- Sr. Gliddon, fico envergonhado de ouvir isso. Nenhuma nação jamais reconheceu mais de um Deus. O escaravelho, o íbis, e outros animais eram apenas símbolos por meio dos quais oferecíamos adoração ao Criador.
- Não é improvável, então, que entre as catacumbas perto do Nilo, possam existir outras múmias da tribo dos Escaravelhos com vida? – perguntou o Dr. Ponnonner.
- Certamente. Todos aqueles que pertencem à família dos Escaravelhos e que foram embalsamados vivos devem estar vivos agora. Mesmo alguns daqueles embalsamados propositalmente podem ter sido esquecidos.

– Você poderia explicar o que quer dizer com embalsamado propositalmente? – eu disse.

A múmia então respondeu:

– Claro, com muito prazer. Em minha época, as pessoas viviam cerca de oitocentos anos. Poucos homens morriam antes dos seiscentos anos, a menos que por um acidente extraordinário. Poucos viviam mais do que dez séculos. Mas oitocentos anos eram considerados o prazo natural. Após a descoberta da técnica de embalsamamento, como já descrevi, pensaram em como viver esse prazo natural em parcelas. No caso de relatos históricos, o embalsamamento demonstrou ser indispensável. Um historiador, por exemplo, ao atingir a idade de quinhentos anos, escreveria um livro com grande esforço e então se submeteria a um embalsamamento cuidadoso, deixando instruções para que o ressuscitassem após um certo período. Digamos algo em torno de quinhentos ou seiscentos anos. Ao retomar à vida após esse período de repouso, ele encontraria sua obra transformada em uma espécie de caderno improvisado. Isso permitiria reescrevê-lo completamente, corrigindo o texto com base em seu próprio conhecimento e experiência das tradições da época em que vivera. Esse processo de reescrita e correção de tempos em tempos impedia que nossa história fosse recontada com erros que fizesse parecer uma fábula.

– Com licença. Mas posso interromper por um instante? – disse o Dr. Ponnonner.

– Sem problemas, senhor – respondeu o conde, preparando sua arma.

– Eu queria fazer uma pergunta. O senhor mencionou a correção que o historiador fazia em seu livro. Quanto dessas correções da Cabala geralmente era considerada correta? – perguntou o Doutor.

– A Cabala se mostrou precisa em relação aos fatos registrados em suas próprias histórias. Não sendo reescritas.

– Mas como se passaram pelo menos cinco mil anos desde o seu sepultamento, presumo que as suas histórias desse período sejam claras sobre a Criação, um tema de interesse universal, o qual presumo que tenha ocorrido cerca de dez séculos antes.

Então o Conde Allamistakeo respondeu:

– Senhor! Desconheço suas ideias. Na minha época, nunca ouvi falar que o universo teve um começo. Lembro-me de ter ouvido uma vez algo a respeito da origem da raça humana. Comentaram sobre Adão e a germinação espontânea de cinco vastas hordas de homens surgindo simultaneamente em cinco divisões distintas e quase iguais no planeta.

Ficamos todos pensativos. O Sr. Silk Buckingham falou então:

– A vida longa e a prática ocasional de viver em parcelas deve ter causado uma forte tendência ao desenvolvimento do conhecimento. Presumo, portanto, que devemos atribuir a significativa inferioridade dos antigos egípcios em todos os aspectos da ciência, quando comparados aos modernos à solidez superior do crânio egípcio.

– Confesso que ainda não entendo a sua colocação – respondeu o conde.

Então, todo o nosso grupo detalhou os fundamentos da frenologia e as maravilhas do magnetismo animal. Após nos ouvir até o fim, o conde passou a relatar algumas anedotas, que deixaram evidente que os princípios de Gall e Spurzheim, fundadores da Frenologia, floresceram e desapareceram no Egito há tanto tempo que foram quase esquecidos. As manobras do mesmerismo eram, na verdade, truques desprezíveis quando comparados aos milagres reais dos sábios tebanos, que criavam piolhos e muitas outras coisas semelhantes. Perguntei ao conde se seu povo era capaz de calcular eclipses. Ele sorriu com certo desdém e disse que sim. Isso me deixou um pouco perplexo.

Comecei a fazer outras perguntas a respeito de seu conhecimento astronômico, quando um membro do grupo, que ainda não havia aberto a boca, sussurrou em meu ouvido que eu deveria perguntar sobre Ptolomeu (seja lá quem for Ptolomeu), bem como um tal de Plutarco.

Em seguida, perguntei à múmia sobre lupas e lentes. E também sobre a fabricação de vidro. Mas eu mal havia terminado minhas perguntas, quando aquele mesmo membro silencioso me tocou novamente e, discretamente me pediu que perguntasse sobre Diodoro Sículo.

O conde me perguntou se nós possuíamos microscópios que nos permitissem esculpir camafeus no estilo dos egípcios. Enquanto eu pensava em como responder a essa pergunta, o pequeno Dr. Ponnonner respondeu:

– Veja a nossa arquitetura! A fonte de Bowling Green em Nova York! O capitólio em Washington, D.C.– para nossa grande indignação. Alguns o beliscaram, deixando-o roxo de hematomas.

O bom e pequeno médico detalhou minuciosamente as proporções de algumas construções arquitetônicas. O conde lamentou que não se lembrava das dimensões exatas de nenhum dos principais edifícios da cidade de Aznac, em uma vasta planície de areia a oeste de Tebas. Ele se lembrou, porém que um deles, fixado a um palácio menor em uma espécie de subúrbio chamado Carnac, consistia em cento e quarenta e quatro colunas, com trinta e sete pés de circunferência e espaçadas a vinte e cinco pés uma da outra.

O acesso a esse pórtico, vindo do Nilo, era feito por uma avenida de duas milhas de extensão, composta por esfinges, estátuas e obeliscos de vinte, sessenta e cem pés de altura. O próprio palácio tinha duas milhas de comprimento e poderia ter tido, no total, cerca de sete milhas de circunferência.

Suas paredes eram ricamente pintadas por dentro e por fora com hieróglifos. Ele não ousaria afirmar que cinquenta ou sessenta dos Capitólios do Doutor poderiam ter sido construídos dentro dessas muralhas, mas não tinha certeza de que duzentos ou trezentos deles não pudessem ter sido acomodados com algum esforço. Afinal, aquele palácio em Carnac era uma construção insignificante.

O conde, contudo, não podia, em sã consciência, recusar-se a admitir a engenhosidade, a magnificência e a superioridade da fonte no campo de boliche, conforme descrita pelo doutor. Ele foi forçado a reconhecer que jamais viu algo parecido no Egito ou em qualquer outro lugar. Perguntei ao conde o que ele tinha a dizer sobre as nossas ferrovias.

– Nada em particular – respondeu ele.

Em sua opinião, as ferrovias são bastante simples, mal concebidas e montadas de forma desajeitada. Não podiam ser comparadas com as vastas calçadas planas, retas e com sulcos de ferro, pelas quais os egípcios transportavam templos inteiros e obeliscos maciços de cento e cinquenta pés de altura.

Perguntei então sobre nossos equipamentos mecânicos. Ele até concordou que sabíamos algo nesse sentido. Mas preferi não ficar prestando atenção em sua resposta e perguntei se ele tinha alguma ideia sobre poços artesianos. Ele apenas ergueu as sobrancelhas; enquanto o Sr. Gliddon me piscou o olho e disse, em voz baixa, que um poço havia sido descoberto recentemente por engenheiros contratados para perfurar em busca de água no Grande Oásis.

Então mencionei o nosso aço; mas o estrangeiro empinou o nariz e perguntou-me se o nosso aço seria capaz de executar o trabalho de entalhe preciso visto nos obeliscos, que foi feito inteiramente com ferramentas de corte de cobre. Isso nos desconcertou tanto que achamos prudente mudar o ataque para a Metafísica.

Lemos um ou dois capítulos de um livro chamado "O relógio de sol" sobre algo que não é muito claro, mas que os bostonianos chamam de Grande Movimento ou Progresso. O conde respondeu que os Grandes Movimentos eram comuns em sua época e o Progresso era um grande incômodo, que nunca progredia.

Falamos então da grande beleza e importância da democracia. Tivemos muito trabalho para impressionar o conde com a devida noção das vantagens que desfrutávamos ao viver em um lugar onde havia eleição e não havia rei. Ele ouviu com interesse e achou bastante divertido.

Ele disse que, há muito tempo, houve algo semelhante. Treze províncias egípcias decidiram se tornar independentes e dar um magnífico exemplo ao resto da humanidade. Por um tempo, conseguiram se sair muito bem. Porém, depois de se vangloriarem, houve a consolidação das treze províncias, juntamente com outras quinze ou vinte, com um governo autoritário, o mais odioso e insuportável que já se ouviu falar na face da Terra. Perguntei qual era o nome do tirano. O conde disse que era o povo.

Sem saber o que dizer, lamentei que os egípcios não conhecessem a maravilha que é o vapor. O conde olhou para mim com muito espanto, mas não respondeu. No entanto, deu-me uma forte cutucada com o cotovelo e me disse que eu já me havia falado demais. E perguntou se eu não sabia que a moderna máquina a vapor deriva da invenção de Hero, por intermédio de Salomão de Caus.

Estávamos agora em iminente perigo de sermos humilhados. Mas, o Dr. Ponnonner decidiu perguntar se o povo do Egito ousaria rivalizar com nossas vestimentas. O conde, então, olhou para baixo, para as alças de suas calças. Segurou a ponta de uma das abas de seu casaco e observou de perto. Solto a alça e sorriu. Mas não lembro de que tenha dado qualquer resposta.

O Dr. Ponnonner se aproximou da múmia respeitosamente e perguntou se os egípcios haviam fabricado algo parecido com as pastilhas do Dr. Ponnonner ou dos comprimidos de Brandreth. Esperamos ansiosos por uma resposta, mas o egípcio apenas corou e baixou a cabeça. Nunca um triunfo fora tão perfeito e nunca a derrota tão mal suportada. Peguei meu chapéu, curvei-me rigidamente diante dele e me despedi.

Ao chegar em casa, já passava das quatro horas e fui direto para a cama. Agora são dez da manhã. Estou acordado desde às sete, escrevendo este registro para o benefício da minha família e da humanidade. Minha família não verei mais. Minha esposa é uma megera. A verdade é que estou profundamente farto desta vida e do século XIX em geral. Estou convencido de que tudo está dando errado. Além disso, estou ansioso para saber quem será o presidente em 2045. Assim que eu me barbear e tomar uma xícara de café, irei até a casa de Ponnonner e serei embalsamado por uns duzentos anos.

FIM



Contos de Terror e Humor de Edgar Allan Poe é uma amostra da versatilidade de obras do Mestre do Terror. Neste livro, o leitor pode se deliciar com contos de terror como **Morella (1835)** e contos de humor como **Rei Peste (1835)**, **Os óculos (1844)** e **Algumas palavras com uma múmia (1845)**.